

A hora dos predadores

Por [Assis Moreira](#)

Valor, 17/07/2025

Livro mostra os predadores: são os populistas de extrema-direita e os empresários high tech

Em livrarias em Paris, neste verão, logo na entrada aparece em destaque um pequeno livro que tem a ambição de ajudar a compreender o caos no qual nos encontramos hoje. De autoria do conselheiro político ítalo-suíço Giuliano da Empoli, “A Hora dos Predadores” examina contornos de uma nova ordem mundial, uma realidade que o autor considera “fruto apodrecido” de aliança de gigantes da tecnologia e dirigentes populistas, onde o uso da força bruta se torna o modo de funcionamento.

Antigo assessor do ex-primeiro-ministro italiano Matteo Renzi (centro-esquerda) e acompanhante frequente do presidente francês Emmanuel Macron em viagens ao exterior, esse professor da Science Po, famosa universidade parisiense, faz curtos e inquietantes perfis de membros da chamada “internacional reacionária”, indo de Donald Trump a Nayib Bukele, presidente de El Salvador, e o príncipe saudita Mohammed bin Salman, além de padrões de grandes companhias tecnológicas como Elon Musk e Sam Altman (da OpenAI).

A constatação é de que o mundo muda velozmente marcado por avanços da inteligência artificial, ataques reiterados contra a democracia, multiplicação de conflitos militares. Como ele nota em diferentes entrevistas, há momentos em que a realidade tem mais imaginação que a ficção.

Donald Trump recebe destaque nessa análise. Para Da Empoli, o atual presidente americano lidera um cortejo colorido de autocratas descomplexados, de conquistadores da tecnologia, de reacionários e de conspiradores impacientes por confrontos. Considera que uma era de violência sem limites está se abrindo diante de nós e, como na época de Leonardo da Vinci, os defensores da liberdade parecem singularmente mal preparados para reagir.

Se em meados da década de 2010 os brexiters (defensores da saída do Reino Unido da União Europeia), Trump e Bolsonaro pareciam ser um grupo de outsiders, desafiando a ordem estabelecida e adotando uma estratégia de caos, como fazem insurgentes em guerra com uma potência superior, hoje a situação é oposta: o caos digital, por exemplo, não é mais a arma dos rebeldes, mas a marca registrada dos poderes dominantes.

Observa o autor que, se o velho mundo pressupunha salvaguardas - respeito à independência de certas instituições, direitos humanos e direitos das minorias, atenção às repercussões internacionais - elas não têm mais o menor valor na era dos predadores.

No novo mundo, todos os processos atuais serão levados às suas consequências extremas, nenhum deles contido ou governado de alguma forma. Os predadores têm uma vantagem decisiva, porque estão acostumados a evoluir em um mundo sem limites.

Para o autor, Trump é assim uma forma de vida extraordinariamente bem adaptada aos dias atuais. Uma de suas características, da qual seus assessores reclamam em voz baixa quando ele acha que deveriam estar alertando em alto e bom som, é que o presidente da maior potência do mundo nunca lê. Isso representa um desafio considerável para qualquer pessoa que deseje transmitir a Trump o mínimo de conhecimento estruturado.

Para Giuliano da Empoli, na verdade isso não tem importância, porque na hora dos predadores o conhecimento é um dos piores inimigos. O que conta acima de tudo é a ação em ambiente caótico que exige decisões ousadas, que cativem a atenção do público e, ao mesmo tempo, influenciem os oponentes.

Nessa era de predadores, constata que não são mais os líderes da antiga periferia que estão tentando se assemelhar aos líderes ocidentais, mas sim estes que estão adotando traços alógenos. Se o fato de Trump governar os EUA com um círculo de familiares e associados desconcerta os políticos europeus, o mesmo não acontece com os autocratas, que acham perfeitamente natural recorrer a um parente ou parceiro de negócios do presidente para obter tratamento preferencial.

A única coisa que conta é o resultado. E lembra uma frase do presidente argentino Javier Milei, à vontade no novo cenário global, segundo a qual a diferença entre um louco e um gênio é o sucesso.

Os predadores, escreve ele, se concentram na forma, não na substância. Prometem resolver os problemas reais das pessoas, como crime, custo de vida, imigração. E o que dizem seus oponentes, os liberais, os progressistas, os bons democratas? Regras, democracia em risco, proteção de minorias...

Na era dos predadores, o equilíbrio explodiu. As novas elites tecnológicas, os Musks e os Zuckerbergs, não têm nada em comum com os tecnocratas de Davos. Seu modo de vida não se baseia no gerenciamento competente do que existe, mas sim no desejo de “fouter le bordel”, fazer bagunça. A ordem, a prudência e o respeito às regras são anátemas para aqueles que fizeram sua fama agindo rapidamente e destruindo as coisas, conforme o lema do Facebook.

Para Giuliano da Empoli, essa situação era evitável. Acha que, se chegamos a esse ponto, é também por uma forma de submissão cultural de velhas elites políticas face à máquina da tecnologia. E o que temos é o caos digital, ou “ritual de degradação”, ausência de regras que está se tornando hegemônica.

A obstinação com a qual predadores políticos à la Trump e predadores da tecnologia como Musk e Zeckerberg avançam sobre a Europa e outros países, sua regulação e instituições, deixa claro como eles percebem tudo isso como um obstáculo.

A sanção anunciada por Trump contra o Brasil, na semana passada, é uma pequena ilustração do que procura mostrar Da Empoli.

Assis Moreira é correspondente em Genebra e escreve quinzenalmente

E-mail: assis.moreira@valor.com.br